ANO 7.º — Sexta-feira, 6 de Outubro de 1914 — NUMERO 343

O DEMOCRATA

(AVEIRO)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$20
Semestre	$60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Ainda a ultima conspirata

Num crescendo, simplesmente confirmativo de que quanto agora parece resolvido fazer-se se deveria ter feito logo ao esboço das primeiras tentativas de restauração monarquica, vai o país tendo conhecimento do desfiar de toda essa meada, á qual estão ligados, com a maior responsabilidade, as mesmas individualidades que a brandura dos nossos costumes, como se dizia em tempos, tem absolvido sempre.

Desta vez não ha um Homero para cabeça de turco salvadora da situação algo esclarecida e comprometedora para tantos quantos dispondo do seu nome, posição e fortuna se habituaram a ficar de fóra, deixando os papalvos ou os atrevidos a braços com o resultado do gráve da situação por eles creada.

Não corre azáda a quadra, lá por fóra, para comicios de protésto contra as *perseguições* movidas pelo govêrno da Republica Portuguêsa aos conspiradores monarquicos e á famosa duqueza de Beldford não assistirá cértamente o direito de agitar a piedade inglêsa a bem dos seus correligionarios relapsos e traidores.

Dentro das fronteiras, a não ser nos implicados na infamissima traição, ela não encontrou a mais insignificante particula de simpatía ou até mesmo de muda indiferença, que pudésse ser tomada á conta de tacito aplauso.

A atmosféra é de geral e impiedosa condenação, atmosféra que invade, felizmente, aqueles que nas mãos teem o destinos da nação. Nesta hora de suprema gravidade, que exige de todos nós, em absoluto, a mais compléta e segura ponderação, sería maior crime que aquele cometido a prática de qualquer acto que pudésse ser tomado á conta de suspeita, de piedade ou de perdão.

Então seria o concurso consciente e duplamente traidor dado e fornecido aos miseraveis que criminosa e estupidamente só tem no coração o odio venenoso e mortal votado á Republica, não vacilando aniquilar a Patria para matar o regimen.

E ao efeito miseravel e repugnante destes sentimentos não escapa a propria creatura que se arvora em dirigente supremo dos bandidos, não receando evidenciar-se em palavras que torna publicas, afirmando uma cousa enquanto por instruções particulares indica e aplaude outras.

Quando dias depois do inicio dessa luta fenomenalmente horrorosa e sangrenta, que apavora o mundo, o sr. D. Manuel escrevia a conhecida epistola oferecendo se para servir a Inglaterra e Azevedo Coutinho corria egualmente a oferecer-se para servir no exercito português—*visto que no momento atual todos os portuguêses deviam esquecer paixões politicas*—vê-se, pela data desses documentos, que ela absolutamente coincide com os ultimos preparativos para as vergonhosas e traidoras manifestações que o Constancio com o Pacheco Soares iniciaram em Mafra, e que tivéram principio na limpeza do dinheiro que existia em cofre.

Assim, o sr. D. Manuel, que recomendava com aparente sinceridade, o abandono e esquecimento de principios politicos para que todos, sómente, nos esforçassemos pela salvação e engrandecimento de Portugal, animados apenas pelo espirito de nacionalidade—era o **proprio que vinha com muitos outros logares-tenentes até junto da** fronteira no dia aprasado da intentona a vêr o que resultava dessa vergonha que afrontou todos os bons portuguêses e o envergonhou aos olhos do mundo inteiro.

Sua propria mãe, essa mulher tão profundamente antipática para todos nós, e que tão vivas deixou em Portugal as provas mais evidentes do seu servilismo e amor pela seita negra, suspendeu uma determinada viagem para regressar ao ponto de partida, na falsa esperança de que tería soado a hora de realisação do fementido sonho em que ela ha quatro anos, imbecilmente, se enleva e embala!

A infamia do trama era do conhecimento de todos e todos caíram deante da miseria moral da sua propria obra, sem sequer tentar disfarça-la ainda que com a mais ingrata justificação.

Não ha sobre o caso duas opiniões contrárias.

Na lama caíram todos esses miseraveis e maltrapilhos ao serviço duma causa que entre nós liquidou nas mais tristes e criminosas circunstancias, representada na pessoa dum imbecil que se caraterisou no celebre pedido de absolvição ao seu confessor para o grande e mortal pecado por ele cometido no consumo dado aos cigarros, além do numero, que a mamã estipulára para fumar!

A mentalidade e tendencias deste grotesco monarca é, sem duvida, um dos factores que para as suas hostes arrasta tão grande numero de padrés e de beatos. Por isso, nas malhas da rêde que neste momento tão proveitosamente se está estendendo, vai caindo peixe grosso, peixe que é preciso lança-lo para outros mares, como seja o famigerado bispo da Guarda, inimigo irreconciliavel das instituições e defensor acerrimo do trôno de D. Manuel, unico pretendente que neste momento conviria á restauração dos paços reaes e episcopaes com o respectivo acompanhamento do efectivo das comunidades expulsas.

Neste logar escrevemos palavras, algumas de revolta outras de incitamento, para que fosse mantida pelo govêrno a defêsa integral do regimen.

Aqui mesmo, por dever de lealdade e por o que está feito até agora, consignâmos quanto possa traduzir o nosso aplauso á obra de saneamento que, sem considerações de especie alguma, se deve empregar sem olhar a gerarquias nem a fortunas dos comprometidos.

Perante a lei todos os homens são eguaes ou sejam reis, bispos, titulares ou plebeus.

Cumpra portanto o govêrno o seu dever, apagando com os castigos que tivér de aplicar a tristissima impressão lá fóra produzida pelo procedimento dessa gente sem honra nem patriotismo.

Exige-o o decoro nacional e os mais altos interesses politicos e moraes da Patria.

Agencia do Banco

Queixam-se alguns negociantes da cidade de que continuam a ser frequentadas por pessoas estranhas ao serviço algumas dependencias desta casa bancaria, não obstante as reclamações em tempo feitas contra tal permissão. De facto, ha toda a razão nos reparos que se veem fazendo sobre o previlegio gosado por determinados individuos, reparos de que nos fazemos éco tão sómente para evitar protéstos escusados dos transacionistas.

Fica entendido?

Films . . .

Coerencia

Vemos relatado nos jornaes bem informados que o tenente Constancio, chefe da abortada conspiração de Mafra, que tinha por fim restaurar o trôno de D. Manuel, levou consigo, no momento de se pôr á frente do seu exercito de saloios, a quantia de 1:745$00 que roubou do cofre do conselho administrativo da Escola em nome do *govêrno da monarquia*.

Se ha quem se admire do caso, nós não. Achamo-lo até naturalissimo por coerente com o regimen defendido pelo tal Constancio, vergonha do exercito e da causa que o celebrisou.

Murchos

A ultima intentona deixou a cambada realista de orelha caída. O *Toi*, que andava de esperanças e parecia trazer já o rei na barriga, quasi que emudeceu. Abrir a *Soberania*, vê-la tão mansa, sem aquela arrogancia que provinha de calculos baseados apenas no idealismo de espiritos obsecados, é o mesmo que sofrer uma grande decepção, um choque sacudido de desalento.

Foi-se-lhe o chorume. E o *Toi*, que parecia trazer já o rei na barriga, encolheu...

O' gentes de Agueda, *talassas* impenitentes: vêde como o numero dos cobardes é infinito!...

Bem faz o Pacheco Soares e outros que não teem papas na lingua...

O cumulo

A proposito das crueldades praticadas pelos alemães na atual guerra, o padre Heim escreve na *Gazette de Voss*, o seguinte:

> «E' verdade que os nossos soldados fuzilaram na França e na Belgica malfeitores e homens, mulheres e creanças, destruindo-lhes até as habitações. Mas quem quer que considere estes factos como contrarios ao ensino da doutrina cristã mostra simplesmente não ter a menor compreensão do verdadeiro espirito de Cristo.»

Que bem empregada bala, em cheio, no coração désta féra que ainda é... padre, sem que a divindade o tenha fulminado para acabar de vez com a sua intervenção nas coisas mais comesinhas da vida!

Hão-de concordar que falar assim é o cumulo do cinismo.

Outra bota?

Chegou a Aveiro o sr. governador civil, dr. Augusto Gil, com quem já alguns republicanos se entenderam sobre a destituição do regedor duma das proximas freguezias do concelho, que aquêle magistrado pretende levar á degola instigado por elementos reaccionarios contra os quaes não soube ou não quiz reagir.

Sim. O sr. dr. Augusto Gil, comprometendo-se a desempenhar nêste momento o papel de algoz, neste momento em que de tudo nos devemos ocupar, que mais interesse á vida da nação, menos da politiquice eleiçoeira, que está em toda a parte posta de banda, provou que não é o homem que está nas condições de continuar no logar para que foi escolhido, tão desastradamente se deixou ir a reboque de creaturas sem patriotismo, mas com uma dose de rancor que contrasta com todos os elevados sentimentos de que é dotada a alma portuguêsa.

E se não vejâmos: temos de um lado a guerra europeia absorvendo as atenções de todo o mundo pela enorme hecatombe que representa e na qual terá de entrar o nosso exercito cuja mobilisação se anuncia para bréve. Depois a intentona monarquica, esse crime de lesa Patria que alguns ambiciosos e despeitados levaram a efeito no país, causador de perturbações internas a que o govêrno tem de pôr côbro sem perda de tempo, e como se isto ainda fôsse pouco, o aumento constante de preços, no mercado, dos generos de primeira necessidade, problema dificil de resolver, mas que á autoridade compete providenciar de modo a reprimir exageradas explorações, abusos de toda a especie que os codigos punem e o povo por principio algum póde admitir.

Pois o sr. governador civil de nada se importa, de nada quer saber. Só o regedor da Oliveirinha—corra-se o véu—o preocupa. Disséram-lhe que era preciso escorraçar esse rapaz que com tanto sacrificio tem mantido na sua freguezia o prestigio da Republica e o sr. Augusto Gil, acquiescendo, não vê outra coisa. Não atende sequer a que Manuel Marques Manuelão é um republicano antigo e que hoje mais do que nunca é preciso defender a Democracia dos seus inimigos mantendo como autoridades pessoaes de absoluta confiança. E estamos nisto. E não passamos disto, tão refractario o sr. Augusto Gil se mostra ao trilho do bom caminho que é positivamente aquêle que aqui lhe temos indicado.

Tratar agora, nésta ocasião, da mudança de regedores! Para quê, sr. Augusto Gil? Que necessidade ha em fazer essas substituições? Nem s. ex.ª, temos a certêsa disso, é capaz de dar uma resposta concludente, uma resposta que colha, que satisfaça. Está encravado.

O sr. governador civil encravou-se porque, querendo ser agradavel á reacção, representada por elementos duvidosos do partido evolucionista, não vacilou, perante a gravidade da situação que a cada passo se antolha toda cheia de incertêsas, em lhe dar azo a novos alentos prometendo uma coisa que lhe é vedado realisar pela injustiça que representa, além da violencia que é das maiores cometidas se o sr. Augusto Gil levar por deante os seus funestos propositos.

Continuamos na espectativa. E hoje como ontem dispostos a lutar pela integridade de principios que devem ser respeitados custe o que custar, dôa a quem doer.

ANGOLA

Por especial deferencia para com este jornal, o nosso querido amigo sr. Francisco Vieira da Costa, residente em Loanda, encarrega-se de receber, néssa cidade, todas as assinaturas do DEMOCRATA respeitantes á provincia.

Rogâmos, pois, aos nossos presados subscritores a finêsa de a êle se dirigirem visto como já se acha de posse dos recibos mediante os quaes deve ser efectuado o pamento.

JUNTA GERAL

Por falta de numero não reuniu no dia 1, como determina a lei, a Junta Geral do distrito de Aveiro, cuja sessão ficou adiada para 14 do corrente.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

REGONSIDERANDO

—=(*)—=

O govêrno têve agora um gesto que é digno de todo o nosso aplauso. Segundo as ultimas noticias, foi mandada sustar a publicação do decreto que nomeia o sr. dr. Eugenio de Castro para professor da Universidade de Coimbra, caso a que nos referimos no numero passado considerando-o como uma afronta de ante-mão preparada ao velho republicano dr. *Quim Martins* pela tiologica faculdade de letras.

Muito bem. E' preciso que o poetastro e arquiologo de via reduzida se capacite da sua nulidade e mais ainda: de que sendo *fidalgo da casa de El-Rei D. Carlos e de El-Rei D. Manuel* a Republica dispensa bem os seus serviços por incompativel com creaturas de tão alta estirpe.

Cumpra o govêrno com o seu dever. Ele e só ele é responsavel pela segurança das instituições que para isso não pódem ser alicerceadas com *fidalgos* sob pena dum tremendo desastre quando menos se esperar.

Fóra, pois, o Eugenio de Castro!

PARA A HISTORIA

A conspiração de 1913

e a parte que néla tomou um conhecido advogado de Aveiro

Iniciou o nosso coléga portuense *O Norte*, uma interessante narrativa do que foi a conspiração urdida o ano passado contra as instituições, na qual figurou Homero de Lencastre, e que tem despertado viva curiosidade no publico que acompanha dia a dia a brilhante exposição. No seu numero de sabado, porém, deparou-se-nos um documento digno de ser conhecido dos nossos leitores e nessa conformidade vamos reproduzi-lo visto pertencer á historia do movimento em que entrou o advogado aveirense Jaime Duarte Silva. Trata-se duma carta por este enviada a *England—John Walter—Esq—Pregunter Road, 63—London S. W.*, conhecido entre nós por Luiz de Magalhães, e que era concebida nos termos seguintes:

> Temos visto e apreciado todas as ordens e indicações de v. ex.ª mas a verdade é que, estabelecido que o trabalho dos miguelistas é tão grande e tão prejudicial que nos tem criado largas dificuldades, nós continuamos a manter a nossa atitude e a insistir na necessidade de enganarmos os homens fazendo-os crêr que aceitamos o plebiscito. No Porto a intriga dos nossos padres, que tem por cabo de guerra um tal Jacinto, de Matozinhos, é medonha. Andamo-lo batendo, mas eles teem um trunfo de que nós nos encontramos inteiramente desprevenidos: o dinheiro. Consignamos mais uma vez que o plebiscito é irrealizavel, visto em Portugal não se conhecer fórmula de restauração que não seja a manuelina. A revolução victoriosa corresponde imediatamente á aclamação do sr. D. Manuel. Sobre isto não temos a menor duvida; mas estar, no momento presente, a abrir uma cisão, é um perigo, se não fôr a perda total dos trabalhos. Lac dá de Lisboa informações preciosas. A primeira é que o movimento de 27 de abril em nada nos prejudicou. Nestes termos é claro que dele só nos resultou a vantagem obvia de mais uma perturbação. A segunda é que a noticia do casamento de s. m. tem influido muito para destruir a ideia do plebiscito, estando os nossos elementos, pouco a pouco arredar os plebiscitarios que com Orn. continuam irredutiveis.
>
> Mas a intriga lá, como no Porto, é grandiosa e o que nós queremos é que, sabendo-se aí que nós transigimos com os plebiscitarios, não se tome o nosso procedimento senão como arte de enganar aqueles pescadores de aguas turvas. Tinhamos de ha muito deliberado chamar para aqui, no momento da revolução, os militares exilados, por isso mesmo que nos é facil introduzi-los no país. Assim, podendo ter no norte vários oficiaes sob o chefia de João Coutinho, outros na Beira sob a chefia de Aires Ornelas e aproveitando o João de Almeida, Alfredo de Albuquerque e outros, nós, quando o movimento pudésse ser desvirtuado—o que

todavía reputamos impossivel—tinhamos esses homens da direcção suprema, que imediatamente lhe imprimiam o caracter unico que póde subsistir. Eis o caso. Temos de bater os miguelistas com armas iguaes, e v. ex.ª nem calcula a intrigalhada que os nossos padres fazem, mórmente no Porto. Assim, pois, e é isto que nós queremos que fique assente, se, porventura, lhe disserem, ou á junta, ou a el-rei chegar a noticia de que nós aceitamos a platafórma do plebiscito, façam favor de nos deixarem trabalhar, e de nada negarem. Não falem no caso.

— —

Precisamos saber com a maior urgencia e com a maior certeza:

1.º—Os trabalhos que temos na Galiza;

2.º—Os trabalhos dos miguelistas tambem na Galiza.

———

As coisas por cá vão andando regularmente. E a Republica debate-se numa péssima atmosféra.

———

A carta de sua magestade para o *comité* não tem o valor que v. ex.ª lhe quer dar. São precisas cartas para Per. Mat., J. Fran. da Si., Cons. R. da C., Moreira Al., Co. Orn. E que venham com a maior urgencia. Mande-as v. ex.ª pôr em Vigo na mão do prior de Caminha, devidamente lacradas para as entregar a Lencastre, e eu lá as mandarei buscar. Para eu saber que elas estão lá, basta o telegrama para seu cunhado sobre a saude de v. ex.ª ou sua familia. Mas repetimos: estas cartas são absolutamente precisas e de maior urgencia.

———

Agora o mais importante: nós nada podemos opôr aos miguelistas emquanto não tivérmos dinheiro. Eles distribuem-no ás mãos rôtas. E nós? Precisamos com toda a urgencia os cincoenta contos prometidos. Viriam daí pelo correspondente do Az. Nós procurariamos. Quarenta iriam para Lisboa já. Dez ficariam aqui. Isto é indispensavel. Absolutamente. E' da maior urgencia. Consta que alguem mandou para aí cento e cincoenta contos. Se assim é, estamos salvos. E fique v. ex.ª cérto de que nós defendemos a causa e o rei sem nenhum desfalecimento.

———

Assim, pois, além das informações atrás pedidas, queremos as cartas e o dinheiro. Não havia maneira de João de Almeida acabar com as cartas que, de onde em onde, faz publicar em jornaes republicanos? Qual é a atitude dele? E' bom que o *Povo de Aveiro* não bata nos miguelistas, dando até a perceber que eles estão ao nosso lado. O *Correio* que arreganhe menos. E' o diabe; dá a impressão de que tudo virá de fóra prejudicando muito os trabalhos de dentro. Em Lisboa continua a mesma desordem, a mesma incerteza e a atmosféra é de verdadeiro pavor. Foi magnifica a impressão resultante do casamento de sua magestade.

Porto, 6 de maio de 1913.

De tudo quanto aí fica uma coisa resalta que nos vemos obrigados a destacar: a urgencia dos cincoenta contos prometidos. *Isto é indispensavel*, diz-se na missiva. *Absolutamente. E fique V. Ex.ª cérto de que nós defendemos a causa e o Rei sem nenhum desfalecimento!*

Não se comenta. Mesmo porque não foi esse, de principio, o nosso intuito, mas tão sómente mostrar até que ponto os republicanos fôram inconvenientes atribuindo o movimento a uma invenção da propria autoridade, ligando-lhe uma importancia minima, como se factos da naturêsa dos de 1913 pudéssem representar-se em qualquer país por simples capricho de alguem interessado na alteração da ordem.

Não, nessa nunca acreditámos nós. E porque se deve á politica partidaria, exclusivamente, o ter ficado impune o crime de 1913 é por isso que publicâmos o documento que atraz fica, esperando que o mesmo não sucêda agora e o prestigio da Republica seja mantido em conformidade com as conveniencias da nação.

APÊLO ALEMÃO

—(*)—

Um estudante russo que poude fugir de Berture, diz num jornal de Petrogrado que a *Liga Alemã de Humanidade*, recentemente formada, acaba de lançar um apêlo ao mundo civilisado, o qual é clandestinamente espalhado na Alemanha impresso em pequenos cartazes alguns dos quaes aparecem colados nas paredes.

Estamos persuadidos—diz um desses impressos—*que os verdadeiros interesses do povo alemão estão indissoluvelmente ligados ás vitorias dos exercitos da Triple-Entente.*

O Kaiser, depois de ter feito pilhar a desgraçada e inocente Belgica, faz espalhar ondas de sangue no solo da França. Todo o homem verdadeiramente civilisado, sem destinção de nacionalidade, de religião e de classe, não póde vêr nestes factos de barbarismo, senão uma ameaça eterna para a civilisação e para a humanidade. E', pois, evidente que, enquanto durar o imperialismo prussiano e a hegemonia da Prussia na Alemanha nenhum progresso democratico será possivel na Europa.

O militarismo e o imperialismo prussianos devem ser esmagados, quebrados, aniquilados para sempre.

E' uma condição indispensavel para que a Baviera, o Wurtemburgo, o Saxe e o Honovre possam respirar livremente.

A Polonia egualmente será assim libertada do jugo que sobre éla peza ha cem anos.

E' tempo de agir para que a Alemanha não dê mais ao mundo o exemplo de habitos e façanhas execraveis, e que a historia moderna e a antiga jámais referiram.

Toda a Alemanha deve levantar-se contra a hegemonia prussiana que só desonra o povo alemão.

A proclamação conclue dizendo: *que o Kaiser e o Hronprinz devem ser presos e conduzidos perante um tribunal correcional, porque são criminosos culpados por terem cometido os mais horriveis crimes contra a humanidade e contra a civilisação.*

Por onde se conclue que nem toda a Alemanha é solidária com o que, por expressa vontade do Kaiser, se está praticando em pleno seculo XX.

Porto de Viana

A Junta autonoma das Obras do porto de Viana do Castelo acaba de prestar um alevantado serviço á cidade e aos interesses cuja defêsa tem a seu cargo, instalando novas portas na éclusa da doca, antiga aspiração do comercio de Viana que desde longe ambicionava vêr em progressivo aumento o trafego comercial daquela linda terra.

Com este melhoramento, póde, pois, hoje, sem receio de se expôr ás ondulações que, por excepção, agitavam as aguas da bacia, a navegação procurar nela os caes de facil e comoda acostagem em que a carga ou descarga se efectua, independentemente de intermediarios, para os terraplanos ou para os vagons que em breve entrarão no recinto da doca.

E' com indizivel satisfação que noticiâmos os progressos da encantadora cidade minhota á qual enviamos saudações por ter, alfim, conseguido um dos seus desejos de maior interesse.

Carta aos alemães

Vitor Hugo e a guerra de 1870

Foi ha 44 anos. Vitor Hugo estava então no seu exilio de Guernesey e Paris prestes a caír nas mãos dos exercitos prussianos. Uma nuvem negra cobria portanto a patria do poeta quando este atirou á publicidade um sensacional documento com o titulo de *Carta aos alemães* e que, por ter hoje uma flagrante oportunidade, passâmos a reproduzir, sem quaesquer comentarios:

Alemães, é um amigo que vos fala. Ha tres anos, na época da exposição de 1867, do meu exilio vos saudei como os bemvindos á nossa cidade. Que cidade? Paris. Porque Paris não pertence exclusivamente a nós. Paris é tanto vossa como nossa. Berlim, Viena, Dresde, Munich, Stutigard, são vossas capitais; Paris é vosso centro. E' em Paris que se sente bater o coração da Europa. Paris é a cidade das cidades. Paris é a cidade dos homens. Ali foi Atenas, ali foi Roma e ali é Paris. Paris é apenas uma imensa hospitalidade. Voltais hoje a Paris. Como? Como irmãos, como ha tres anos? Não, como inimigos. Porque? Que sinistra aberração é éssa? Duas nações fizeram a Europa. Essas duas nações são a França e a Alemanha. A Alemanho é para o Ocidente o que a India é para o Oriente, uma especie de grande antepassado. Nós veneramo-la. Mas que significa o que se está passando? Que quer isto dizer? Hoje quer a Alemanha destruir a Europa, que a mosma Alemanha construiu pela sua expansão e a França pela sua irradiação. E' isso possivel? A Alemanha destruirá a Europa mutilando a França! A Alemanha aniquilará a Europa destruindo Paris. Reflecti. Que significa esta invasão? Que quer dizer este esforço selvagem contra um povo irmão? Que vos fizémos nós? Veio de nós esta guerra? Foi o imperio que a desejou, foi o imperio que a promoveu. O imperio está morto. E' justo. Nós nada temos de comum com o cadaver. Ele é o passado; nós somos o futuro. Ele é o odio; nós somos a simpatía. Ele é a traição; nós somos a lealdade. Ele é Capua e Gomorra; nós somos a França. Nôs somos a Republica francêsa; nós temos por divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. Escrevemos na nossa bandeira ***Estados Unidos da Europa.*** Nós e vós somos o mesmo povo. Nós tivémos Vercingitorix, como vós tivéstes Arminius. O mesmo raio fraternal, sublime traço de união, atravessa o coração da França e a alma da Alemanha. E' pois sincéro o que vamos dizer-vos: se infelizmente o vosso fatal erro vos impele para as supremas violencias, se vós vindes atacar-nos nésta augusta cidade confiada de cérto modo pela Europa á guarda da França, se vós assaltais Paris, nós nos defenderemos até á ultima extremidade, nós lutaremos com todas as nossas forças contra vós; porém, declaramos-vos que continuaremos a ser vossos irmãos; e os vossos feridos, sabeis vós onde os havemos de depositar? No palacio da nação. Nós designamos desde já para hospital dos prussianos feridos as Tulherias. Ali nas ambulancias servir-vos-hão os vossos bravos soldados que tivermos feito prisioneiros. E' ali que as nossas esposas irão cuida-los e socorrê-los. Os vossos feridos serão nossos hospedes, tratá-los-hemos lealmente, e Paris ha-de hospeda-los no seu Louvre. E' com esta fraternidade no coração que aceitaremos a vossa guerra. Porém, que guerra, alemães? Que significação tem éla? A guerra acabou desde que o imperio morreu! Vós matastes o vosso inimigo que era o nosso tombem; que mais quereis? Vindes para tomar Paris á força? Mas nós sempre vo-la oferecemos amigavelmente. Não obrigueis a fechar-vos as portas um povo que sempre têve os braços abertos para vós. Não vos iludais com Paris. Paris ama-vos, mas Paris combater-vos-ha com toda a formidavel magestade da sua gloria e do seu luto; Paris ameaçado de uma brutal violação, póde tornar-se terrivel. Julio Favre disse-vos eloquentemente, e eu vo-lo repito. ***Esperais acaso uma indigna resistencia?*** Vós tomais as fortalezas, haveis de encontrar as muralhas; tomais as muralhas, encontrareis a barricada; tomais a barricada e então quem sabe o que o patriotismo e o perigo pódem aconselhar? Vós encontrareis os canos transformados em minas a arremessar pelos ares ruas inteiras. Vós tereis aceitado esta terrivel condenação: tomar Paris, pedra por pedra, estrangular aqui a Europa, matar a França com detalhe em cada rua, em cada casa, e que grande luz seria necessaria para extinguir alma por alma! Parai! Alemães, Paris é tremendo! Tomai cuidado diante de Paris. Todas as transformações lhe são possiveis. Os seus efeminamentos dão-vos a medida das suaa energias; parece dormir, está acordada; fabríca ou tira ideia da bainha do mesmo modo que arranca a espada; e a cidade que ontem era Cybaris póde ámanhã ser Saragoça. Dizemos nós isto para vos intimidar? Não, certamente não, nós não vos intimidamos, alemães! Vós tivéstes Galgacus contra Roma, e Koerner contra Napoleão. Nós somos o povo da Marselhesa; porém, vós sois o povo dos *sonetos coiraçados* e do *cri de l'epée*. Vós sois a nação dos pensadores que se tornam quando é preciso uma legião de herois. Os vossos soldados são dignos dos nossos; os nossos são a bravura indomavel, os vossos a intrepida tranquilidade. Ouvi o resto: Vós tendes generais astutos e habeis, nós temos chefes ineptos; vós tendes feito mais uma guerra dextra que uma guerra brilhante; os vossos generais teem preferido o util ao grande; estão no seu direito; vós tendes-nos tomado de impreviso; vós tendes sido dez contra um. Os nossos soldados teem-se deixado massacrar estoicamente por vós que tendes engenhosamente posto todas as eventualidades do vosso lado. De maneira que até hoje nésta horrivel guerra a Prussia tem a victoria, mas a gloria pertence á França. Agora, pensai nisto: vós acreditais ter só a dar um ultimo golpe: cair sobre Paris aproveitando-vos do facto de o nosso admiravel exercito, enganado e traído, estar a esta hora quasi inteiramente prostrado e morto no campo da batalha. Para atacar tendes setecentos mil soldados, com todas as vossas maquinas de guerra, metralhadoras, canhões de aço, balas de Krupp, peças de Dreyse, inumeravel cavalaria e terrivel artilharia. Do outro lado das muralhas estão esperando 300.000 cidadãos, paes defendendo os seus afectos em uma cidade cheia de familias, trementes, onde ha esposas, mães, irmãos, e onde neste mesmo momento aquêle que vos escreve tem os seus dois netos, um dos quais está unido ao seu coração. E', nésta cidade inocente da guerra, nésta cidade que nada vos fez senão dar-vos a sua luz, é em Paris—só, altiva, e desesperada, contra quem vos precipitais, vós, imensa onda de combate e de destruição! Esta será a vossa missão, valentes homens, grandes soldados, ilustre exercito da nobre Alemanha! Oh! reflecti! O decimo nono seculo terá de vêr este horrivel prodigio: uma nação civilizada, tornando-se selvagem, aniquilando a cidade das nações. A Alemanha extinguindo Paris, a Alemanha deslocando o eixo das Galias, vós, os descendentes dos cavaleiros teutonicos, fareis uma guerra desleal exterminando o grupo dos homens e das ideias de que o mundo carece, vós aniquilireis a cidade organica, e recomeçareis Atila e Alarico, e renovareis depois de Omar o incendio da livraria da humanidade, e arrasareis o *Hotel de Ville* como os Hunos arrasaram o capitolio, e bombardeareis *Notre Dame*, como os turcos bombardearam Partenon, e dareis ao mundo este espectaculo de—alemães tornarem-se novamente Vandalos, e vós sereis o barbarismo domando a civilisação. Não, não, e não. Sabeis o que será para vós uma semelhante victoria? Será a desonra. Ah! certamente ninguem pensa em assustar-vos, alemães, glorioso exercito, corajoso povo, mas alguem póde informar-vos. Não é seguramente oprobrio, o que vós procurais, mas será oprobrio o que achareis; e eu, europeu, o que quer dizer amigo de Paris, eu parisiense, que quer dizer amigo dos povos, advirto-vos do perigo em que estais, meus irmãos da Alemanha, porque vos admiro e considero e porque conheço bem que se alguma cousa vos póde obrigar á retirada não é o mêdo, é a vergonha. Ah! nobres soldados: consultai os vosos corações! Sereis conquistadores curvando as vossas cabeças: e que vos dirão vossas esposas? A morte de Paris! que luto! O assassinio de Paris! que crime! Ao mundo ficará o luto, a vós o crime! Não aceiteis esta imensa responsabilidade. Parai. E agora uma ultima palavra: Paris levada á extremidade, Paris sustentada pela França levantada, póde conquistar e conquistará; e vós tereis cometido sem proveito aquéla violencia que já escandalisa o mundo. Para todos os efeitos apagai déstas linhas escritas á pressa as palavras *destruição, extinção e morte*. Não, êles não destroem Paris. Se conseguirem, o que não é facil, destrui-la, engrandecê-la-hão moralmente. Arruinando Paris santificá-la-hão. A dispersão das pedras causará a dispersão das ideias. Arremessada Paris aos quatro ventos vós fareis de cada particula de cinza a semente do futuro. Aquêle sepulcro exclamará: *Liberdade, Egualdade e Fraternidade!* Paris é uma cidade, mas Paris é uma alma. Queimar os nossos edificios é apenas queimar os nossos ossos; o seu fumo tomará fórmas, tornar-se-ha enorme e vivido, e levantar-se-ha até o céu; e vêr-se-ha para sempre no horisonte dos povos, acima de nós, acima de vós, acima de todos e de tudo, atestando a nossa gloria, atestando a vossa vergonha, aquêle grande espectro feito de sombra e luz: Paris. Agora tenho dito, alemães; se persistis, ousai! Estais avisados, vinde, atacai as muralhas de Paris. Debaixo das vossas bombas e das vossas metralhadoras éla se defenderá. Enquanto a mim, um velho, ali estarei sem armas. A mim pertence-me estar com os povos que morrem, lamentando-vos por estardes com os reis que matam.

Paris, 9 de setembro de 1870.

Victor Hugo

PELA IMPRENSA

Completou um ano mais de existencia o nosso colléga *Gazeta de Arouca*, hebdomadario democratico, que na importante vila deste distrito se publíca sob a direcção do sr. Angelo Miranda.

Efusivamente o cumprimentâmos.

— Por ocasião do 5 de Outubro, aniversario da Republica Portuguêsa, tambem publicou um numero especial de 22 paginas, ocupando a primeira um grande retrato do presidente Arriaga, o nosso confrade *Portugal Moderno*, que Luciano Fataça, essa alma de patriota que o Brazil agasalha, distintamente redige no Rio de Janeiro.

E' digno de arquivo.

A CRISE NO BRAZIL

—(*)—

Voltou a autoridade superior do distrito a dirigir-se, por meio de circular, aos administradores dos diferentes concelhos prevenindo-os da afflitiva miseria que lavra no Brazil e consequentemente da obrigação que todos teem de evitar quanto possivel a saída de portuguêses para aquélas longiquas paragens pelo menos durante a crise que o avassala.

A circular de agora é concebida nestes termos:

Encarrega-me o Ex.^mo Ministro do Interior de informar que a embaixada de Portugal no Rio de Janeiro continúa insistindo, em telegramas e oficios, pela necessidade de se suster a emigração de portuguêses para aquéle país, em vista da grande crise que o está avassalando. Poder-se-ía crêr que o facto de vários países terem chamado os seus reservistas, estes deixariam no Brazil logar para os nossos. Não é assim, infelizmente. Nenhum, quasi, dos reservistas partidos daquéla Republica se dedicava aos trabalhos rudes a que lá se entregam, pela sua falta de preparação, portuguêses, hespanhoes e italianos; exactamente os que não foram chamados é o maior numero. Qualquer vaga que se désse era insuficiente para a onda de miseraveis que vagueiam pelas cidades brazileiras; e a policia anda, por meio de *passes* de caminho de ferro, sempre transferindo de logar até que a nova cidade assaltada proteste.

Interrompidas no Brazil todas as obras, diminuida a exportação, paradas as dócas, por falta de importação, suspensa a lavoura por uma longa séca, não é uma méra emissão ficticia sem base metalica que vae melhorar tantos males. A situação no Brazil é afflictiva e a miseria é extrema no presente momento.

Queira fazer vêr discretamente estes factos á população desse concelho.

DIA DE FINADOS

Na segunda-feira, como na vespera, regorgitou o cemiterio, cujas campas, enfeitadas, tivéram a visita-las inumeras pessoas da familia dos mortos, umas, amigas ou simples conhecidas, outras, que nestes dias a tradição aproxima reunindo-as no campo sagrado da egualdade.

Algumas capélas e mausoleus tinham sumptuosas ornamentações, sendo raro o coval que não tivésse ao menos uma flor a perpetuar a memoria de quem nele dorme o ultimo sono.

A farça realista

—(*)—

Entre outros cujos nomes são pouco conhecidos, achamse presos como implicados no movimento restauracionista de 20 de outubro, os jornalistas Moreira de Almeida e Anibal Soares, José de Azevedo Castélo Branco, que noutros tempos têve o *sobriquet* muito em voga de *Zé gatuno*, o major Rodrigues Nogueira, dr. Pacheco Soares, o conde de Mangualde e o arcebispo da Guarda, D. Antonio Vieira de Matos, proseguindo as investigações no sentido de apurar não só as responsabilidades destes como doutros chefes do *complot* ainda á solta.

Parece que é intenção do govêrno apressar quanto possivel o termo dos processos para não demorar o julgamento dos conjurados e saber-se qual o destino a dar-lhes. Oxalá a noticia se confirme. Eternisar as averiguações, perder tempo com pequenos detalhes achamos que longe de com isso se lucrar a Republica só se prejudica como das outras vezes tem acontecido.

Vamos. Nada de delongas e que sobre os responsaveis pelos crimes que tanta malvadez revelam cáia inexoravelmente o látego da justiça não vá julgar-se lá fóra que isto é um país de féras, posto que não sejam outra coisa esses que esperam restaurar a monarquiadinamitando comboios sem comiseração por os que despreocupadamente viajam e nada teem com a politica.

Duma vez para sempre urge que sejam banidos da sociedade os perturbadores da ordem e que Portugal se afirme uma nação civilisada, que é, embora existam aberrações, como no-lo indica a perversidade de instintos dos conspiradores monarquicos.

Transcripções

Déram-nos a honra de transcrever do nosso jornal os artigos *Luta gigantesca* e *Defendâmo-nos*, respectivamente, *O Domingo*, de Aldegalega e *O Radical*, de Oliveira de Azemeis.

Agradecemos.

JUSTO

—(*)—

O Directorio do Partido Republicano Português, dirige-nos a seguinte circular:

... *Cidadão*

Devendo brevemente partir para os campos da batalha alguns contingentes do glorioso e bravo Exercito Português, a fim de auxiliarem as tropas aliadas na defêsa do Direito, da Justica e da Liberdade, resolveu o Directório do Partido Republicano Português fazer um apêlo ao País para que aos nossos soldados não faltem alguns confortos.

Assim, na séde do Directório, Largo do Directório, 4, 2.º e nas sédes das Comissões Municipais politicas de todo o país, recebem-se donativos em dinheiro, quaesquer objétos de agasalho, taes como ceroulas, piugas e camisolas de lã, coletes de flanela e de lã, pensos, ligaduras, etc.

Do nunca desmentido patriotismo do Povo Português e dos seus generosos sentimentos espera o Directorio bom acolhimento ao seu apêlo.

Saude e Fraternidade.

O Secretário do Directorio
a) *Augusto José Vieira*

O Tesoureiro do Directorio
a) *Estevam de Vasconcélos*

Manuel Luiz Coimbra Flamengo

De regresso do Rio de Janeiro, chegou ontem a esta cidade, onde se demorará, este nosso dedicado amigo a quem o *Democrata* deve muitos e desinteressados serviços prestados sempre com a maior das bôas vontades.

Coimbra Flamengo vem de optima saude e é um patriota do numero daqueles que no Brazil mais teem honrado o nome do nosso país.

Efusivamente o cumprimentâmos.

BALEOTE

Arrolou no domingo á praia da Costa Nova, um pouco ao sul dos palheiros das companhas de pesca, um baleote de enormes dimensões que esta semana foi conduzida para a beira do rio puchada a tres juntas de bois.

Supõe-se, e é quasi cérto, que o grande cetaceo tivésse sido morto no alto mar, vindo em seguida varar em terra devido aos ultimos temporaes que o agitaram duma maneira desconforme.

No momento em que se procedia aos trabalhos de remoção foi colhido por uma vaga, que o arrebatou, um individuo de côr, que neles se empregava, causando o triste incidente funda impressão em todos quantos o presenciaram sem que pudéssem evitar a morte do infeliz.

Este chamava-se Antonio Camilo Daú e era muito conhecido em Aveiro onde esteve como cosinheiro num dos restaurantes da Rua da Revolução.

Convite

Pela respectiva autoridade foinos enviado o seguinte:

Conforme superiormente me é ordenado, convido-vos a modelar pelas informações oficiaes as noticias dos trabalhos da nossa organisação militar e acentuo que a nenhum periodico é licito, neste momento, enfraquecer o sentimento publico para o desempenho das nossas obrigações internacionaes.

Sabemos que esta nota foi distribuida geralmente por toda a imprensa.

Compreendendo em demasia as grâves inconveniencias da reportagem facil, divulgando com requintada minudencia particularidades e circunstancias que o bom senso patriotico manda calar, só temos que louvar o convite na sua primeira parte.

Referente á segunda aqui temos consignado com o maior e verdadeiro sentimento e desassombro quanto sobre esse gravissimo assunto pensamos.

Condenando a guerra e contra éla sendo; bradando como Gambetta—*guerra á guerra*—não podemos vêr de animo leve quantos impensada e levianamente falam do nosso quinhão na luta como se tal partilha nos fosse implicitamente imposta simplesmente porque de facto a guerra existe e pelo gosto intimo e isolado dos que advogam essa suposta necessidade. São eles tantos quantos, precisamente isentos de partilhar dos perigos e canceiras da campanha, até agora não obviaram tal inconveniencia oferecendo-se voluntariamente em holocausto aos bombasticos periodos guerreiros escritos no conchego e tranquilidade da sua casa, comodamente debruçados na escrivaninha, rabiscando o famoso linguado e dispondo, com a facilidade com que se fuma um cigarro, da vida, do futuro e do pão de muitos e muitos individuos e familias.

Crêmos bem que *não enfraquecemos o sentimento publico para o desempenho das nossas obrigações internacionaes*, falando assim; enfraquecel-o-iamos se aconselhassemos o não cumprimento déssas obrigações simplesmente executadas como tal, que nem por isso deixam de ser dolorosas, crueis, esmagadoras.

Curvêmos a cabeça á dura fatalidade do destino, mas não batâmos as palmas por isso.

Se estão celebrados contratos pelos quaes contraímos tão grâves e complicados compromissos, pela nossa honra e pelo nosso prestigio, chegando a hora amarga déssa prova, teremos de dal-a sem a mais leve vacilação.

E' ainda o que as convenções chamam um dever; mas não procuremos, numa teimosia ridicula e doentia, provocar, salientar, apressar a necessidade déssa obrigação, como indispensavel e como se déla, de facto, dependesse a pronta solução do conflito.

Assim, entendemos não acompanhar, antes condenar, os que numa aparente grandêsa de animo e de sentimentos belicosos, todos os dias aleiloam as qualidades de bravura dos nossos soldados; as paginas furiosamente sangrentas da nossa historia e o resultado conseguido com o punhado dos nossos homens lançados, como pingo de agua no oceano, entre as centenas de milhares que ha longos mezes se debatem numa luta furiosa e gigantesca!

A nossa partilha impõe-se, porém, como a consequencia duma indeclinavel obrigação? Nesse caso cumprimol-a, na mais absoluta consciencia dum dever, na mais completa compreensão dum compromisso.

Nada mais.

Porque—como criteriosamente alguem diz a proposito déssa luta onde milhões de homens se despedaçam por odio, por ambição e por orgulho de determinados:

Matar, morrer por vingança, por avidez de terras, de dominio, de riquezas, quando a vida é já de si tão efemera e dolorosa, apenas suavisada pela dedicação, pelo altruismo e pelo amor. E a guerra é a negação, a repulsa de todos os sentimentos nobres e generosos, de toda a ternura da nossa materia e do nosso espirito. A luta pela vida é já um combate de todos os instantes, amenisado pelas lagrimas de candura das nossas mães, pelos beijos inefaveis das nossas esposas e dos nossos filhinhos. E quando, cobertos de suor pelo embate quotidiano da existencia, recebemos como recompensa a moêda, que é o pão com que alimentamos o sangue e as caricias dos nossos que são o perfume de afecto com que alimentamos a alma, somos nobre e justamente vencedores. E' esta a unica das guerras admissiveis á razão e ao sentimento humano. Ao enterrar o ferro no corpo do nosso semelhante, que cae a nossos pés debatendo-se nos estertores da suprema agonia, não vencemos, degradamo-nos; não praticamos uma acção heroica, cometemos um acto brutal e selvagem, um crime hediondo e nauseabundo. Defêsa propriá? Ela não existiria se não enfrentassemos o nosso adversario. Como nós, êle deve ter mãe, palpitante de angustia e de dôr, esposa e criancinhas carinhosas e inocentes. Honra da bandeira? A honra é incompativel com a ferocidade dos chacaes e a verdadeira honra não é a que mata mas a que é posta ao serviço da vida—o mais precioso dos depositos ao homem confiados por Deus e pela natureza.

Tudo isto, escusado será dizer, são apenas simples considerações nossas e dos outros, que espontaneamente nos sugeriu a perigrina circular, sem intenção, é claro, de com elas tentarmos sequer *enfraquecer o sentimento publico para o desempenho das nossas obrigações internacionaes.*

Antes, muito longe disso.

CINÊMA

Devem ter ámanhã extraordinaria concorrencia as sessões cinematograficas do *Teatro Aveirense* a realisar ás 18 e meia horas e 20 e meia, com a celebre pelicula de arte **A Filha do Faroleiro,** assombroso trabalho da cinematografia, composto de oito partes qual delas a mais notavel e emocionante, que a emprêsa se propoz exibir sem aumento de preço.

Assiste, como já dissémos, um magnifico sexteto que tocará tanto nos intervalos como durante a passagem dos *films*.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

NOVEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
8	MOURA
15	LUZ
22	RIBEIRO
29	ALLA

Agenda do automobilista para 1915

Em nosso poder um exemplar desta util agenda, indispensavel aos condutores, viajantes e proprietarios de automoveis, editada pela *Tipografia Gonçalves*, de Lisboa, ao preço de 30 centavos, franco de porte.

Além dum mapa-itenerário do automobilismo em Portugal, trata o util livrinho tambem de assuntos judiciaes, administrativos, financeiros, câmarários, área e população portuguêsa; divisão distrital, continental, ilhas e colonias, juizes de paz, juntas de paroquia, regedorias, conservatorias, administrações dos bairros; contribuições: predial, rendas de casa, decima de juros, suntuária e registo, etc., isto sem falar em muitos outros de capital interesse que a falta de espaço nos impéde de enumerar e de que a casa editora cuidou com inexcedivel esmero.

Agradecemos á *Tipografia Gonçalves* a sua oferta.

O TEMPO

Ora de chuva ora de sol assim teem decorrido os ultimos dias que, contudo, não desagradam aos lavradores.

O peor é que o mar embraveceu e não ha pesca, como tanto era para desejar.

Não cabem todos os proveitos num saco...

Notas mundanas

Regressou de Espinho á sua casa de Jafafe do Vouga o sr. Joaquim Ferreira da Costa.

= Afim de continuar os seus estudos na Escola do Comercio Raul Dória seguiu no principio desta semana para o Porto o aplicado estudante Jorge Aguiar.

= Esteve durante alguns dias retido em casa, doente, o sr. José Antonio Cidraes, digno inspector dos correios e telegrafos.

Acha-se, felizmente, melhor com o que nos congratulâmos.

= Vindos da Costa Nova estão já nesta cidade os nossos amigos Alexandre Alves Barbosa, Bento de Carvalho e José de Pinho.

=Estivéram ontem em Aveiro os srs. José Simões da Silva, de Macinhata do Vouga, e dr. Elisio de Castro, ilustre senador da Republica.

= Esteve a semana passada bastante doente, o sr. dr. Elias Pereira, ilustre professor do liceu, que, felizmente, se acha quasi restabelecido.

= Tambem foi acometido dum ligeiro encomodo o sr. Manuel Tomaz Vieira, da Oliveirinha, cujas melhoras se acentuam.

A guerra

Todos os dias nos traz o telegrafo, em resumidas e vagas notas, o resultado trágico e mortifero dessa luta medonha que ensanguenta a Europa vae para quatro mezes. Todos os dias se contam por milhares as vitimas imoladas pela insania de malditas testas coroadas que aos seus pés fazem baquear, como sustentaculo das suas vaidades, milhares de vidas ceifadas pelo horror da morte nas mais dolorosas circunstancias.

Mas, como todos os despotas, como todos os assassinos purpurados, eles cairão tambem com o grande estrondo das grandes quédas.

Como caíu Napoleão, cairá Guilherme, com a diferença, porém, que possa haver entre um astro e uma lanterna.

Vencido pelo oculto poder das mesmas circunstancias a que obedecem a sgravitações regulares de ambas as especies—moraes e materiaes—ele cairá, repetimos, como todos os tiranos: despedaçado pela sua propria obra!

Com identica aplicação reproduzimos as palavras sublimes que num livro que vale um evangelho — *Os Miseraveis*—sob o titulo —*O inesperado*—escreveu a penna inegualavel de Victor Hugo.

Assim se expressa o gigantesco escritor:

A lei do seculo XIX não concedia a Bonaparte a vitoria de Waterloo. Preparava-se outra série de factos, em que Napoleão já não tinha logar. Havia muito que a má vontade dos acontecimentos se tinha declarado.

Era chegado o tempo de caír aquele homem vasto, cujo peso excessivo nos destinos humanos perturbava o equilibrio. Era um só individuo preponderando pela sua parte mais do que o grupo universal. Seriam mortaes para a civilisação, se durassem, estas plétoras da vitalidade humana concentrada toda numa só cabeça, o mundo junto no cerebro dum só homem. Chegára o momento em que a incorrutivel equidade suprema reconsiderava.

Naturalmente teriam feito ouvir as suas queixas os principios e elementos, de que dependem as gravitações regulares, tanto na ordem moral como na ordem material.

O sangue ainda fumegante, o atulhamento dos cemitérios, as lagrimas das mães, são arrazoados temiveis.

Quando a terra sofre com a demasia do peso que a sobrecarrega, ha gemidos misteriosos na sombra, que são ouvidos pelo abismo.

Napoleão fôra denunciado no Infinito, e a sua quéda estava decidida, porque encomodava Deus.

Waterloo não é uma batalha: é a mudança de aspecto do Universo.

Trazendo até nós a grande e profetica verdade destas palavras poderemos tambem dizer: a luta de hoje não é simplesmente uma série de batalhas com o triunfo para um dos contendores: é o prévio aviso duma transformação universal com a suprema vitoria da Democracia triunfante!

Necrologia

Na vila de Cantanhede, terra da sua naturalidade, sucumbiu com 72 anos, aos estragos duma pneumonia infecciosa, a mãe do nosso amigo sr. Antonio Maria Duarte, digno 1.° aspirante dos correios e telegrafos desta cidade.

A pobre velhinha, que desapareceu quasi que inesperadamente, tal foi a gravidade com que a doença a acometeu, não deixou perceber que tivésse dado pela presença do filho, que, prestes, correu junto dela a receber o seu ultimo suspiro.

Ao amigo Duarte e a sua familia a expressão muito intima do nosso sentimento.

CORRESPONDENCIAS

Ois da Ribeira, Agueda, 2

Está nesta freguezia a terminar a colheita dos ceriaes, e é nesta época que várias comissões andam, por uma tradicional costumeira, a pedir pelas portas dinheiro ou legumes para custear despezas de festas, que vão realisar em dias marcados, a santos das suas devoções.

No peditorio não é excluido o rico, o pobre, o cégo ou aleijado; emfim, todos os cidadãos pertençam ou não á religião católica.

Agora perguntamos: com que direito se nos dirigem quasi diariamente pedindo essas esportulas sabendo que somos cultualistas? Não teem recomendado, segundo se diz, os padres condutores das almas para o céo que essas comissões se não dirijam aos cultualistas que estão pelo menos anatematisados? Perdão; recomendam mas é emquanto essas comissões se não organisam ou estão em embrião, porque depois de organisadas pódem pedir á vontade. Em resumo: como o dinheiro lhes vae entrar já filtrado pelas várias mãos nas algibeiras, os padres aqui não fazem questão alguma, porque o padre é astuto, e sobre tudo interesseiro. Portanto o dever do povo republicano é afastar-se de concorrer para taes festas tratando-se reciprocamente neste ponto com os reaccionários, tanto mais que religião de mistura com politica são méros caprichos, e quem quizer caprichos que os sustente. Assim como os padres rebeldes ás leis da Republica recomendam aos ignorantes, seus escravos, que não cooperem com os bons republicanos e patriotas, assim estes devem pôr aqueles ao sol e ás moscas.

= Ha dias teve um velho republicano uma discussão com o Rezende, que se tem dito chefe do *evolucionismo* local. E quer o leitor saber o que este disse ao nosso bom amigo? Que era cérto ter aderido ao *evolucionismo* mas se ámanhã o sr. Conde precisar dele, está logo ao seu lado! O que dirá a isto cérta autoridade administrativa que para ser agradavel a este reaccionario, tem posto em frangalhos as leis do país e desgostado ao ultimo extremo quem bastantes serviços tem prestado e está pronto a prestar á Republica? Traidores teem-nos havido em todos os tempos.

= Um rapazóte que por bamburrio é padre, logo que sonhe que se urde alguma conspirata, anda por aqui a animar as suas hostes. Como não foi dos mais infelizes quando se envolveu no atentado da Ponte do Pano, continua com cocegas.

Vamos registando, porque a vida é larga...

C.

Palhaça, 4

Ha quatro anos, pouco mais ou menos, que está votado ao despreso um trabalho que as circunstancias de momento aconselhavam, e que tanto sacrificio deu—a sindicancia ás juntas sessantes désta freguezia. Os néla atingidos, prevendo na demora, aliás lamentavel, um eterno esquecimento, riam-se e de vez em quando um apertosinho de mão de outros não menos reus, felicitando a malta pelo resultado obtido. Porém, agora o novo procurador da Republica, sr. dr. Adriano Amorim, dando, talvez, uma volta ao sesto dos papeis velhos e para o lixo, encontrou lá o processo e resolveu mandar intimar as testemunhas que compareceram no tribunal da comarca nos dias 29 de outubro e 2 de novembro, onde confirmaram, ao que consta, os seus depoimentos já feitos.

Além da falta de sessões, gastos de dinheiro sem aprovação superior, etc., etc., ha a falsificação de assinaturas pelo secretário de então, caso bastante grâve e que repugna aos bons sentimentos, mas que terá, diz-se, a mesma sorte de ha quatro anos—o despreso como premio aos amigos do novo regimen. Realmente assim tem sido, e pela nossa parte não duvidamos um só instante que assim continuará a ser. Mas o tempo o dirá e esperar não é erro.

C.

Comunicados

A familia Ferreira Pinto

e as suas afecções nervosas. Tratamento Naturista aplicado por Marcos Ferreira Pinto socio da Sociedade Protetora dos Animaes Domesticos

Disse na minha ultima carta que devia entrar em tratamento neste numero do *Democrata* uma das minhas irmãs mais doentes, e vou cumprir esse dever para tambem apanhar o fio da meada na altura em que tive a infelicidade de perder minha Mãe.

Era em março e estava frio. As nevadas queimavam os pompos viçosos das larangeiras em demanda da primavera. A casa do Silveiro estava de luto.

O autor destas linhas cáe de cama semi-louco de dôr e doença.

Ao fim de quinze dias melhorava para novamente recaír.

O sofrimento de suas irmãs era manifesto, a dôr e o desejo devorava-as.

A mais nova enlouquecia de amor. Amor filial e amor de esposa em prespectiva. Precisava casar-se.

O futuro marido desejava um modo de vida, era preciso empregar-se custasse o que custasse. Era urgente vencer a recusa dum irmão que negava essa felicidade na transição do seu ganha-pão, o ambicionado logar de recebedor.

O sol da irmandade tinha findado o seu dia ia esconder num mar de fogo o amor de irmãos dedicados.

O maldito vicio e interesse individual algemando para sempre a felicidade da humanidade era aqui bem manifesto.

O céu enevoou-se, a pressão era sufocante, a descarga inevitavel.

A minha enfermeira achava-se pejada daquele que mais tarde se chamou Saul. Neste momento compunha o brazeiro sempre avivado com lenha de oliveira ainda verde para repetir um concerto de assubios e estalidos fumegantes no rebentar das cascas pela pressão do ar comprimido ao som da qual começou a explosão de D. Amelia Ferreira Pinto.

—Estimo vêr-te hoje ao nosso lume; pensava que querias conservar-te de cama até á nossa retirada.

— Não. Não vim ha mais tempo receando voltar a encomodar-vos, com as minhas loucuras. (Essas loucuras eram afinal algumas práticas naturistas que hoje vejo aconselhadas nos livros e então uzei por instinto e tambem como meio secreto de aliviar sofrimentos a quem ainda não conhecia o perigo em que estava).

— Pois fica cérto que não estou disposta a soportar por mais tempo a tua presença nesta casa, não só pelos actos que tens praticado, mas por conservares á nossa vista essa mulher em adeantado estado de gravidez.(A casa naquela ocasião era minha, porque a tinha arrendado juntamente com a quinta).

E pensava desgostosamente: até aqui era a mania de mandar-me para o C. Ferreira, por eu não poder servir o Alfredo, agora é a minha enfermeira que dá motivo para me despedirem da casa e quinta que deixo, admirada por melhoras sem conta. Que mais virá agora?

Mas respondi:

— Que mal te fez essa infeliz a quem a fome tem consumido o melhor do seu tempo? Não estarei no direito de a proteger em troca do seu cuidado

nos momentos mais criticos das minhas doenças?

— Sim, decérto, mas nunca no estado em que se encontra.

— Então andar pejada é alguma acção tão repugnante que te arrojes a condenar essa creatura ao meu desprêso, á miseria e á fome? Donde nasceстes tu, donde nascemos nós todos, não foi da gravidez da mulher quando se orgulha de ouvir os seus anjos chamar-lhe mãe? Quem mais do que nós teria chorado a nossa se não tivésse sido mãe? Tu és uma miseravel orgulhosa.

— A diferença é enorme. A nossa mãe foi casada e nós somos filhos dum acto legalmente praticado, ao passo que tu és casado com outra e trazes essa mulher nesse estado. E's indigno de chamar-te meu irmão, desonras a familia e a nossa casa, santuario de nossos paes. (A quinta e o santuario estão hoje no maior do abandono).

— Então um filho nascido fóra das formalidades matrimoniaes não será tão perfeito para a vida e para a sociedade como aqueles que nascem á sombra da religião que jesuiticamente professas? Não, menina. Eu não sáio nem ela deixa a minha companhia até ao fim do ano. Depois sairemos ambos.

— Pois é saír quanto antes; não quero este nojo em minha casa.

A hora já ia adeantada e na lareira tambem findava o estalido constante da lenha de oliveira, como que cançado de aconselhar a paz.

Da varanda regressava a mana Zilia, depois de ter deixado escapar o ultimo soluço da pressão nervosa que liquefez em pranto derramado, emquanto a mais nova, crúa como uma hiena, saltava de cima de todos os principios de humanidade cristã. Era o resultado da educação que recebeu no convento de Jesus, em Aveiro.

Todos retiraram aos seus aposentos.

Eu não poude consolidar o sono, estava peor. Repetiam-se as insonias do meu estado gràve.

A minha enfermeira chorava o retrocesso das melhoras obtidas, e eu pedia-lhe prodencia.

A minha irmã era uma doente.

O seu sistema nervoso posto em desordem pela auto-sugestão religiosa manifesta-se agora desviado daquela adoração em arrebatamentos caprichosos e interesseiros.

E' o resultado de tão criminosamente se ter permitido o uso e abuso dessa sciencia oculta que, incutida uma vez que seja nas creanças despreocupadas em estasis magicos por individuos menos habilitados e menos conscienciosos, produz afecções nervosas que pela vida fóra provocam desarranjos sentimentaes que obrigam á compaixão e ás mais práticas religiosas.

Passados mezes procedeu-se ao inventario da casa na comarca de Anadia.

D. Amelia, jà casada sem, lhe ter repugnado a união com um homem que por sua causa abandona duas creanças, filhas duma pobre rapariga que tem de prostituir-se para sustentar os entes queridos, prepara novos procéssos de exploração apresentando no inventario duas declarações que legalisavam uma mentira.

Com um desses documentos provava que tinham pago a sua mãe a quantia de 1.500 escudos, pouco mais ou menos, sem que tal quantia fosse encontrada para figurar no inventario.

O outro era assinado por Marcos Ferreira Pinto Basto Junior, da quantia de 370 escudos, passado numa ocasião em que era preciso fazer estancar dois olhos de mãe, que vendo-se doente, chorava o futuro das filhas e dizia ao receber o papel desejado: se a nossa situação mudar ou tu venhas a precisar desse dinheiro eu tu darei, não o nego.

Agora a situação tinha mudado; duas das minhas irmãs estavam casadas, e todos, elas e maridos, rasoavelmente empregados, viviam sem faltas.

O juiz, que era então o conhecido dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo, não fez os interrogatorios por mim desejados. Parece que só havia lei para fazer mil e uma pergunta a qualquer desgraçado que roubasse um escudo para comer.

E assim fiquei sem 670 escudos.

Que importava que nesse tempo eu fosse um invalido sob a protecção da justiça se a titi tinha recomendado ao mano os interesses das meninas?

Nesta altura reconheci claramente o motivo que tambem as animára mezes antes a farejar pretextos para cortarem as suas relações de amisade com o irmão que as estimava tanto como a seus proprios filhos.

Foi por este tempo que tive conhacimento de que havia muita maneira de roubar. O nascimento do pequeno Saul era considerado em Aveiro um roubo feito a minha inocente bondade por uma sobrinha do rival da casa Antunes & Sucessores. D. Amelia sabia desse repugnante dito. Eu estava a saque.

Sim, porque os grandes roubos não são aquêles que a Justiça dos tribunaes pune, são os que éla deixa escapar pelas malhas da inteligencia humana, que não póde sér legislada em absoluto numa sociedade individual capitalista, fisica e moralmente doente.

Ora os desarranjos nervosos que provocaram esta maneira de pensar e proceder, filhos da auto-sugestão religiosa e desenvolvidos por uma alimentação irracional, curavam-se hoje com facilidade submetendo a doente a uma alimentação vegetal acidificante que limasse os orgãos do sentimento e do pensamento como quem concerta um realejo desafinado e estrupiado. No entanto vamos a vêr se com este contra-ataque aos fluidos estranhos poderei fazer o milagre de provocar o seu arrependimento porque se assim fôr é mais uma cura com que póde contar o Naturismo resultante dos magnetes funcionarem ao contrario.

A minha colonia Naturista talvez fosse mais vantajosa por causa da mudança de ares, mas como findou na vontade da sua sobrinha tambem educada religiosamente vamos indo assim que já não é pouco para um principiante.

O desgosto e aborrecimento que tudo isto me causou, fez com que perguntasse a mim mesmo, se não haveria maneira de vivermos socialmente sem estas explorações e desgostos, porque, afinal, o que acontecia no meu caso era moéda corrente com outros, até que um belo dia veio cair-me nas mãos um volume da *Sociedade Moribunda*, de Joan Grave.

O meu entusiasmo foi enorme ao vêr ali tratadas com mestria as interrugações dum pensador inculto. O caminho a seguir era ilustrar-me. Os livros da colecção sociologica sucediam-se, devorados com desejos. Eram os meus mestres mudos, mal compreendidos enquanto os meus parentes me davam ao desprezo taxando-me de maluco.

Mas ou porque os seus insultos e desprezo estivéssem de harmonia com o seu todo ou por um respeito condenavel pela sua opinião, nunca me lembrou que estava tambem sendo condenado pela opinião publica por consentir esses insultos sem desafronta.

Tudo nêste mundo tem um fim e assim sucedeu á minha inação como Naturista que me prezo de ser.

Marcos Ferreira Pinto

Para Ovar

Por ter sido transferido para o batalhão aquartelado na importante vila do norte, deixou esta cidade o nosso amigo, sr. tenente Garpar Ferreira que de lá nos envia esta

DESPEDIDA

Gaspar Inacio Ferreira, tendo de mudar, inesperadamente, a sua residencia para Ovar e não tendo podido fazer pessoalmente as suas despedidas, fa-lo par esta fórma e oferece os seus prestimos nesta vila.

Ultima hora

Uma proclamação dos da intentona

Lisboa, 5

Está sendo devidamente apreciada depois que veio a publico, uma proclamação dos revoltosos monarquicos de Mafra, elaborada segundo as instruções do *Comité Central* e cujo teor é como segue:

Está proclamado o estado de revolução e ficam suspensas por esse facto todas as garantias constitucionaes.

A autoridade administrativa republicana e seus agentes ou representantes, consideram-se demitidos a partir deste momento e quem teimar em permanecer no desempenho do seu cargo será considerado inimigo e preso em detença.

§ 1.º Da mesma fórma serà considerado inimigo e imediatamente preso todo aquêle que por qualquer meio se insubordinar contra as presentes disposições e acatar ou pretender dar força aos funcionarios administrativos demitidos e outrosim devem considerar-se dissolvidas a Câmara Municipal e comissões eleitas.

Deverão evitar-se os máus tratos pessoaes aos presos bem como a todos os que não queiram acompanhar as manifestações de simpatía ao actual movimento.

§ 2.º *Entretanto deverá prender-se quem pelos seus actos e abusos durante o regimen republicano deposto tivér mostrado poder ser um inimigo perigoso para o atual estado de coisas.*

Todos os gritos ou manifestações a favor do regimen republicano deposto serão considerados subversivos e quem os proferir ou nélas entrar.

Os militares, oficiaes ou praças de pret, que não tenham acompanhado o movimento revolucionario, perdem ipso facto a sua qualidade de militares com todas as garantias inherentes e ficam em tudo obrigados ás presentes disposições e sujeitos ás sanções respectivas.

Ficam suspensos todos os serviços publicos e que não estejam na imediata dependencia das forças revolucionarias.

Pelas declarações do chefe civil do movimento, dr. Pacheco Soares, sabe-se que este projecto de proclamação, como ele lhe chama, ainda não era tudo, pois ainda faltava inserir a pena de fuzilamento imposta a militares e civis que reagissem contra as ordens dos representantes do *Comité Central*, nas localidades em que o movimento anti-republicano triunfasse.

Avaliem das intenções dos bandidos.

Teem sido efectuadas muitas prisões esperando-se outras de alta importancia.

Expedição para Angola

Lisboa, 5

Largou hoje perto da noite o vapor *Beira* que levou um contingente de marinheiros para Angola.

Houve delirantes manifestações assistindo, no Terreiro do Paço, á passagem da coluna, o sr. Presidente da Republica, a quem a multidão, composta de dezenas de milhares de pessoas, ovacionou com enternecido afecto.

Atenção

Para assunto de seu interesse deseja-se falar com os descendentes de José Simões de Figueiredo, que exerceu o oficio de alfaite e que embarcou para o Rio Grande do Sul em 1828.

Dirigir ao Deposito de Tabacos em Aveiro, de João Campos da Silva Salgueiro & Filho.

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇAO)

Em virtude da execução por custas e sêlos requerida neste Juizo pelo exequente—o Agente do Ministério Publico nésta comarca—contra o executado Manuel Marques Fernandes, solteiro, lavrador, de Sarrazola, se hade proceder no dia quinze de novembro proximo futuro, pelas onze horas, no Tribunal Judicial désta comarca, á arrematação em hasta publica, afim de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação, dos seguintes predios pertencentes e penhorados ao executado:

Uma propriedade sita no Monte de Vilarinho, freguezia de São Julião de Cacia, désta comarca de Aveiro, que se compõe duma terra lavradia com suas pertenças, avaliada na quantia de cento e cincoenta escudos;

Uma propriedade sita na Chousa Nova, limite de Sarrazola, freguezia de Cacia, désta comarca, que se compõe duma terra lavradia com suas pertenças, avaliada na quantia de cento e sessenta escudos.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 20 de outubro de 1914.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo

VENDE-SE barato um moinho de moer e tirar agua. Para tratar com João Calisto, alfaiate, em Esgueira